



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

SOMOS O QUE QUEREMOS SER

Movimentos juvenis, críticos, combativos, questionadores, incomodados ante o comodismo, realizadores. Sempre buscando moldar o meio em que estão inseridos a seus próprios ideais, marcados pela crítica incisiva, questionadora, provocativa, num só passo destrutiva e criadora. Destruindo verdades inaceitáveis e almejando criar uma realidade gratificante, reagindo aos acontecimentos e forçando-os a se adaptarem a seus valores, a combatividade crítica, capaz de conciliar a quebra e a construção, sempre foi marca essencial desses peculiares grupos, os movimentos juvenis.

Difícil acreditar que haja discordância do acima afirmado, mas será que a simples concordância é motivo de alento? Num momento em que o predomínio da apatia é latente, aceitar definições anacrônicas não resulta em nenhum efeito prático, apenas reforçando ações vazias, perda de vigor, ausência de objetivos, passividade. Não que o ideal seja diverso do perfil de crítica incisiva, mas, definitivamente, essa não é mais a marca dominante.

Numa realidade marcada pela diversificação de valores e identidades, a perda de uma luta, de um ideal comum dificulta a percepção do papel a cumprir, bem como da maneira de cumpri-lo. Por outro lado, essa dificuldade jamais pode ser justificativa para o conformismo.

Podendo ser definido como *a atitude de quem aceita, sem questionamento, regras e valores sociais estabelecidos*, o conformismo pode ser considerado o maior vilão para o panorama atual. O ativismo maculado pela passividade talvez seja a resposta para a grande questão: por que os movimentos estão diminuindo, fechando?

Reagimos, então. Buscamos novos ideais, façamos acontecer. Não se pode sucumbir a uma realidade mansa, impassível. O fim, caso contrário, é previsível e próximo. *Assim como o som dilui-se no silêncio, a euforia dilui-se na indiferença.* (Susan Sontag)